

As perspectivas sociointeracionais nos estudos de educação especial e autismo: uma entrevista com Kristen Bottema-Beutel e Juliene Madureira Ferreira /

The social-interactive perspectives in the studies of special education and autism: an interview with Kristen Bottema-Beutel and Juliene Madureira Ferreira

Mariana Lima Becker¹

Doutoranda na Lynch School of Education and Human Development, na Boston College (EUA).

 <http://orcid.org/0000-0003-4911-5506>

Ricardo Rios Barreto Filho²

Professor do Departamento de Letras da UFPE. Doutor em Letras (concentração em Linguística) pela UFPE.

 <https://orcid.org/0000-0002-2895-2981>

Recebido em: 19 sept. 2022. **Aprovado em:** 01 oct. 2022.

Como citar esta entrevista:

BECKER, Mariana Lima; BARRETO FILHO, Ricardo Rios. As perspectivas sociointeracionais nos estudos de educação especial e autismo: uma entrevista com Kristen Bottema-Beutel e Juliene Madureira Ferreira. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 3, p. 438-453, out. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8174685>

As perspectivas sociointeracionais da linguagem não promovem reflexões sob um ponto de vista puramente acadêmico ou teórico. Essa área de pesquisa também visa esclarecer questões sociais atuais, como educação, trabalho e saúde. Assim, quisemos proporcionar uma entrevista com

1

 beckermr@bc.edu

2

 ricardo.rios@ufpe.br

estudiosas que fazem uso relevante dessas perspectivas a fim de contribuir para a discussão das práticas sociais.

Primeiramente, conhecemos a Dra. Bottema-Beutel, que é professora associada do *Boston College*, onde um de nós (Mariana Lima Becker) está fazendo seu doutorado. Ela se concentra na Educação Especial e vem usando a Análise da Conversa e a Análise do Discurso desde sua pesquisa de doutorado para entender melhor a interação de pessoas com deficiência, especialmente para mostrar o que elas são capazes de fazer enquanto interagem. Ela tem inúmeras publicações sobre Educação Especial, especialmente sobre autismo. A Dra. Bottema-Beutel gentilmente aceitou nosso convite e nos apresentou a Dra. Madureira Ferreira, que estava trabalhando com ela em um projeto de pesquisa sobre interação em salas de aula de Educação Especial.

A Dra. Madureira Ferreira é uma pesquisadora brasileira radicada na Finlândia e professora da *Faculty of Education and Culture* da *University of Tampere*. Possui experiência profissional tanto no Brasil - na Universidade Federal de Uberlândia - quanto na Finlândia, onde trabalha atualmente. Tem interesse em psicologia educacional e escolar, e suas pesquisas abordam temas como inclusão, educação especial, interação entre pares em estudos na Finlândia e no Brasil.

O fato de podermos conversar com as duas juntas foi muito enriquecedor para nós, porque suas perspectivas puderam nos dar um ponto de vista transnacional e transcultural sobre o que é fazer pesquisa sociointeracional em diferentes países e contextos educacionais. Durante a entrevista, abordamos as possibilidades de seus métodos de pesquisa, os desafios que enfrentam em seus campos, seus propósitos e planos futuros.

Percebemos que seus trabalhos vão além do meio acadêmico, na medida em que fornecem importantes *insights* sobre os processos de aprendizagem e o agenciamento de crianças com deficiência. Seus trabalhos, portanto, fornecem aplicações relevantes para essa população e apontam aspectos que muitas vezes não são abordados pela literatura convencional sobre autismo e educação especial.

Entrevistadores:

Falem-nos um pouco sobre quem vocês são, suas trajetórias e no que vocês têm trabalhado.

Kristen Bottema-Beutel:

Eu sou professora de Educação Especial na *Boston College*. Eu fiz meu doutorado na *University of California at Berkeley* com a professora Lara Sterponi, e ela é interessada em vários tópicos, mas um de seus interesses é a interação social em crianças autistas. Quando eu estudei em *Berkeley* e comecei a ouvir sobre sua perspectiva, era algo completamente novo. Não era a maneira como os pesquisadores mais populares sobre autismo pensavam sobre a pesquisa com o autismo. Ela utilizava Análise da Conversa e Análise do Discurso combinadas com a abordagem etnográfica para entender o autismo. Para mim, esse tipo de abordagem era fundamental, pois havia poucas descrições da interação social autista na literatura especializada, mesmo o autismo sendo descrito como um transtorno de interação social. Então, isso me parecia um paradoxo muito interessante, mas esse campo de investigação continuava a perseverar com explicações cognitivas do autismo sem que houvesse análise de nenhuma explicação sociointeracional. Esse tipo de análise poderia permitir diferentes tipos de questões, porque revela potenciais dos autistas e esclarece como é o jeito de ser autista no mundo. Então, foi isso que me deixou interessada.

Juliene Madureira Ferreira:

Para mim, o que, de fato, me levou a me interessar nas interações sociais foi quando eu trabalhava na Universidade Federal de Uberlândia, há sete anos. Eu fui alocada numa escola de formação de professores, que são chamadas de Colégios de Aplicação. Meu trabalho era basicamente ser uma psicóloga educacional que deveria supervisionar os processos de desenvolvimento das crianças. No meu caso, eram crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Eu também supervisionava os estágios dos estudantes de Psicologia e Pedagogia que ocorriam naquelas instalações. Eu tinha esse papel duplo de psicóloga educacional e de docente e pesquisadora. Isso foi bastante importante na época, porque foi quando as regulamentações e leis, no Brasil, estavam mudando, então havia uma agenda inclusiva no Ministério da Educação. Havia novas regulamentações por meio das quais a escola deveria priorizar ao menos 10% das vagas de novos estudantes para crianças com deficiências. Então, essas crianças com deficiências poderiam ter deficiências intelectuais, múltiplas, ou transtornos do desenvolvimento, como o autismo ou outros. Ficamos mais atentos às demandas interacionais que precisavam ser modificadas, não apenas na

infraestrutura da escola ou na contratação de recursos humanos, mas também sobre o que nós deveríamos realmente fazer, o que nós deveríamos realmente entender para proporcionar um ambiente de aprendizagem para todas as crianças, então isso foi o que me levou a prestar atenção às interações sociais e particularmente à interação entre os pares, porque nós tínhamos investimentos naquele tempo, tínhamos bons recursos financeiros para fazer esses estudos, naquela época. Sei que a realidade agora é um pouco diferente daquela época, porque nós tínhamos muitos colaboradores. Tínhamos vários profissionais em formação que apoiavam esse processo escolar, mas notamos que os pares eram os parceiros mais importantes para as crianças. Era, na verdade, na interação entre pares, que a inclusão acontecia, porque as crianças queriam interagir com outras crianças. Foi nessa época que comecei meu doutorado na Universidade de São Paulo (USP), em 2013. Eu estava estudando qual é a contribuição dos pares em uma perspectiva do desenvolvimento, no que os pares contribuem e como a contribuição dos pares surge para o desenvolvimento de crianças com deficiências intelectuais, nesse caso particular. Partindo desse ponto, eu sempre trabalhei com crianças com algum tipo de deficiência ou com problemas comportamentais ou psicológicos que tornavam o processo escolar desafiador. Assim, vim para Finlândia, durante o doutorado, e depois resolvi me mudar permanentemente, mas esse continua sendo o meu foco de pesquisa aqui. Eu vejo meus métodos sob diferentes aspectos. Eles começaram com a microanálise de comportamentos, que é mais focada na análise de comportamentos observáveis e na compreensão de como a regulação de comportamentos se torna significativa para as crianças em diversas situações. Eu também costumo analisar sob uma perspectiva desenvolvimental, por meio da qual podemos observar mudanças e que as interações ficam mais complexas ou fáceis de acordo com um certo conjunto de comportamentos e comunicação não verbal. Então, eu acho que eu definiria meu ponto de partida daí.

Entrevistadores:

Quais são as possibilidades ou benefícios e desafios da implementação das metodologias que vocês utilizam nas suas pesquisas?

Kristen Bottema-Beutel:

Eu não acho que necessariamente tem que ser assim, mas as abordagens cognitivas tendem a buscar por deficiências. Esta é meio que a intenção, é o que eles veem como propósito da pesquisa. Eles fazem aqueles estudos de grupos em que comparam as crianças autistas, em algum tipo de teste cognitivo, a crianças não autistas. Se houver alguma diferença, então eles identificaram um déficit, e, assim, isso vai explicar por que crianças autistas se desenvolvem daquela maneira. Creio que há muitos problemas nisso. Isso, na verdade, não permite muita compreensão do que é ser uma pessoa autista nem mesmo como elas se desenvolvem. Assim, abordagens interacionais são um pouco descrentes em déficits. Elas, na verdade, só se perguntam: como essa interação ocorreu? Como ela procedeu? Quais são as condutas interacionais que levaram a interação a um lado ou a outro? Então, você não precisa ter qualquer pressuposição sobre algo ser deficiente. Você só deve observar isso e ver como foi. Como os próprios participantes contribuem e fazem sentido nessa interação? Esse é o ponto de partida, e eu acho que é uma maneira mais produtiva de ver o que está acontecendo. Você não precisa ter essa abordagem do déficit, e isso lhe permite observar como essas interações, de fato, avançam. Por exemplo, pode haver uma criança autista que não fala, com o que outras perspectivas chamariam de repertório interacional limitado, mas os processos de transcrição detalhada auxiliam a identificar todas essas condutas aparentemente pequenas, sejam elas vocalizações, a orientação do corpo, movimentos oculares, todas esses aspectos podem ir para a transcrição, e você pode ver como elas contribuem para a interação e o que revelam. Assim, eu acho que estamos olhando para mais. Se você está usando uma avaliação cognitiva, você não está olhando para nada da interação na verdade. A abordagem interacional te convida a enxergar mais e também a ver aquilo de uma maneira que não pressupõe que os déficits são os principais aspectos que estão acontecendo. Esses são o que eu penso que são os benefícios de uma abordagem interacional, ou seja, é realmente a observação do que está acontecendo. Eu acho que as dificuldades são que é realmente extremamente demorado. A transcrição demanda muito esforço. Eu creio que, no meu campo de pesquisa, não há muitas pessoas que fazem isso. Por isso, é tão animador quando você pode colaborar com outras pessoas cujas perspectivas se alinham a esse tipo de abordagem. Então, os desafios para mim são que, quando eu uso métodos sociointeracionais, eu tenho mais dificuldade de ter minha pesquisa publicada nos periódicos mais populares sobre autismo. Normalmente, tenho que publicar em outros tipos de periódico, que podem ser ou não engajados com outras pessoas consideradas da minha área.

É um pouco interdisciplinar, e isso significa que não tem muita interlocução entre os pares. Sinto-me como se eu estivesse quase em outro campo de investigação. Quando eu vou a conferências, as pessoas me olham e não têm nenhuma ideia sobre o que estou falando. Mas eu acho que está mudando. Acho que as pessoas estão agora percebendo que precisamos realmente dessas descrições circunstanciadas de como as interações sociais com pessoas autistas acontecem. Eu não acho que tem algo como um desafio metodológico necessariamente. Acho que existem desafios disciplinares.

Juliane Madureira Ferreira:

Bom, eu concordo completamente com Kristen e eu acho que, para mim, o que tem sido a situação mais desafiadora é o tempo que devemos dedicar para fazer a microanálise, por exemplo, de milhares de minutos de interação em vídeo. 25 encontros com uma criança, por exemplo, podem facilmente chegar a isso. É enorme! Aí temos que analisar os vídeos, por exemplo, para cada um dos comportamentos que selecionamos. Normalmente, é uma seleção complexa. Observamos os olhares, os gestos, a postura corporal e as regulações, então observamos como um comportamento é conectado a outro. Para analisar todos esses elementos, assistimos ao vídeo separadamente, porque é impossível observar os olhares e os gestos ao mesmo tempo. É preciso olhar o direcionamento dos olhares em uma vez e depois olhar os gestos outra vez. É extremamente demorado! Um dos pareceres mais problemáticos que recebi recentemente é que, como temos, de um modo generalizado, a abordagem cognitiva para tudo, é normalmente muito difícil para os pareceristas pensarem por fora dessa abordagem e entenderem que temos uma nova proposta. Assim, é impossível observar, por exemplo, a aprendizagem colaborativa, que é um fenômeno muito cognitivo, mas é fortemente fundamentado na interação social, em um processo interacional. É impossível observar a aprendizagem colaborativa e compreender o processo de produção de sentido e a produção participativa de sentido com uma perspectiva cognitiva. Normalmente, recebo opiniões de pareceristas, como “a sua definição, por exemplo, de aprendizagem não está de acordo com esta ou aquela perspectiva cognitiva”. Então, eu tenho que argumentar que, bem, isso é exatamente o que eu quero. Nós queríamos oferecer algo diferente, uma alternativa, e, dessa forma, mostrar como, por meio desta alternativa, nós temos mais participação entre pares. Nós temos mais agenciamento. Nós

temos muito mais da criança com deficiência sendo capaz de se expressar e sendo capaz de regular os comportamentos dos outros durante uma interação, o que afeta processos de desenvolvimento ou de aprendizagem. Então, esses são os principais obstáculos que eu tenho encontrado nos últimos anos.

Entrevistadores:

Como é o processo da coleta de dados para vocês, em termos de conseguir o consentimento das escolas para usar câmeras de filmagem para coletar dados que permitam o nível de detalhamento com o qual vocês trabalham?

Juliane Madureira Ferreira:

Bom, eu posso falar da minha experiência no Brasil e na Finlândia. Antes de tudo, todo país tem sua própria regulamentação, e precisamos obedecê-la. No Brasil, por exemplo, é impossível fazer qualquer pesquisa nas escolas ou com crianças sem ter o projeto aprovado por um comitê de ética. Na Finlândia, é um pouco diferente. Estamos sob as regulações da União Europeia, que são muito explícitas. Então, se você seguir essas regulamentações, o processo burocrático é mais fácil que no Brasil. Conseguimos a aprovação bem mais rapidamente. Tem mais burocracia basicamente, mas o tempo de espera para a decisão é normalmente mais rápido, e a decisão chega um pouco mais rápido. O que eu considero mais importante é realmente como nós agimos com as crianças na escola. Então, a minha abordagem é sempre ter algum tempo na escola e me familiarizar com as crianças, para que eles entendam que eu estou ali. Elas veem as câmeras, brincam com elas. Elas se acostumam em serem gravadas e verem a si próprias nos vídeos, aí eu começo a coleta de dados. Assim, quando eu começo a coleta de dados, elas já estão muito familiarizadas com o processo e os acordos que faço com as famílias, especialmente se são famílias com crianças com deficiência ou famílias que estão sob um suporte de educação especial. Além disso, eu os ofereço alguma contribuição, como um retorno pela participação. Eu os ofereço um tipo de avaliação. Então, antes de eu fazer qualquer análise ou uso dos dados, eu digo aos pais o que eu observei nos dados. Em alguns casos, isso é bem legal, porque eu posso mostrá-los como as crianças estão se engajando com outros pares. Posso mostrá-los como eles estão na escola, que são informações que os professores não necessariamente

compartilham. Eu também seleciono algumas partes da gravação para mostrar aos pais, e eles gostam bastante. Isso tem funcionado até agora. Fiz isso no Brasil e faço isso na Finlândia também. Mas eu nunca tive nenhum problema com comitês de ética. Você sabe o que tem que fazer, sabe o porquê da burocracia, sabe para qual comitê submeter, e basicamente você faz o processo.

Kristen Bottema-Beutel:

Então, eu acho que a coleta de dados da Juliene é melhor que a minha (risos). Juliene, eu acho que você tinha três câmeras e três microfones?

Juliene Madureira Ferreira:

No nosso projeto, nós tivemos duas câmeras, uma fixa e outra móvel com uma espécie de grande microfone que você anexa às câmeras. Assim, não teríamos problemas de não entender o que as crianças estavam dizendo, porque eles estavam cochichando ou algo do tipo.

Kristen Bottema-Beutel:

No nosso projeto, nós estivemos em salas de aula regulares ou inclusivas. Era algo como salas de aula como 25 alunos, e dois deles eram autistas. Eu acho que fizemos isso em três ou quatro salas de aula. Eu não acho que os nossos procedimentos de coleta de dados foram tão maravilhosos. Tínhamos uma câmera que era montada e a movimentaríamos quando as crianças se moviam, porque tínhamos as nossas crianças focais. Tínhamos também esses óculos de ponto de vista. Eram basicamente como um tipo de *GoPro*, tipo óculos com câmeras; eu acho que tínhamos 8 pares, então 8 dos alunos os usavam. Eles poderiam ser sincronizados, então os áudios poderiam ser alinhados e sincronizados. Eu acho que foi uma boa ideia, mas não funcionou 100%. Nossas observações foram só de 30 minutos por dia, mas os óculos esquentavam. Havia uma bateria porque era uma câmera, e eles usavam os óculos no rosto. Muitas crianças diziam coisas do tipo “está muito quente”. Havia umas coisas logísticas como essa, e eu não me adiantei, aí a coleta de dados não foi tão fácil quanto poderia ter sido. Então, tem essas questões com o equipamento. Conforme Juliene mencionou, o microfone é realmente muito importante, especialmente se você está numa sala de aula grande, e tem várias coisas acontecendo no mesmo lugar, muitas falas sobrepostas. Então, você meio que tem que decidir.

Algo como, qual é o contexto? Essa é uma turma com um professor falando, e os alunos estão falando de uma vez, é uma interação de pequenos grupos e eu só vou gravar o pequeno grupo? É tipo uma aula? Você precisa tomar essas decisões logisticamente do que você vai gravar. E é razoável gravar aquilo? Tem a questão do equipamento e da permissão para gravar. Eu acho que minha experiência foi semelhante à de Juliene. Não foi super difícil de conseguir as permissões. Nós tivemos que passar por isso em Massachusetts. Muitas das grandes escolas urbanas têm os seus próprios Comitês de Ética em Pesquisa (CEP). Você precisa conseguir a permissão do CEP da escola. Você precisa coletar os consentimentos de cada aluno da sala. Obviamente, você também precisa da permissão do CEP da sua própria universidade. Mas eu acho que, em *Massachusetts* ou nos Estados Unidos, isso varia de acordo com a instituição. Eu sei disso por estar colaborando com Juliene. Na Finlândia, todos estão sob as mesmas regulamentações. Nos EUA, isso pode variar completamente de instituição para instituição. A *Boston College* é bem receptiva a trabalhar com você para assegurar que você receba a permissão. Eles não ficam fazendo de tudo para indeferir a permissão. Eles nos permitem saber o que nós precisamos fazer para ter um projeto bem operado eticamente. Então, eu acho que, com outros distritos escolares, eles teriam procedimentos diferentes para nos dar permissão, no nível do distrito, e isso poderia não ter funcionado. Eu acho que, com interações em sala de aula, existe essa complicação de que há questões logísticas de que você precisa dar conta sobre como você vai coletar os dados, como você vai conseguir as informações corretas, como as suas gravações poderão ser utilizadas e a questão das permissões. O que acontece se eu não conseguir pegar o consentimento de 5 alunos em uma sala de 20? O que eticamente eu preciso fazer nesses casos?

Juliene Madureira Ferreira:

Sim, isso aconteceu, por exemplo, no nosso projeto atual. Temos, nesse projeto, uma sala com 12 alunos, e é uma sala especial, que é muito rara na Finlândia, mas conseguimos ter a aprovação da escola para fazer a pesquisa nesta sala de aula. Há 12 crianças, entretanto, apenas nove participaram do nosso estudo, mas não queríamos excluir as outras crianças das atividades que propusemos. Então, eles também se beneficiaram das atividades que estávamos sugerindo. Mas, quando estávamos analisando os dados, nós tínhamos que retirar todas as contribuições daquelas 3 crianças. Eles até apareciam de vez em quando na gravação, porque é um grupo pequeno. Mas não podíamos,

de jeito nenhum, publicar qualquer coisa em que eles estivessem. Então, nós não excluímos as crianças da participação nas gravações, mas não utilizamos absolutamente nenhum dado que vem daquela criança. Isso é o que temos que fazer nesse caso.

Entrevistadores:

Vocês podem nos falar sobre o projeto em que vocês estão trabalhando juntas? Sabemos que vai ser publicado em breve.

Kristen Bottema-Beutel:

Eu acho que eu posso dar uma visão geral, e aí Juliene pode falar sobre isso, porque ela tem feito a maior parte do trabalho neste projeto. Vou apenas dar uma visão panorâmica de como nós começamos a colaborar. Juliene veio para cá em 2021, e ela esteve aqui até dezembro. Então, fizemos uma preparação para que ela fosse pesquisadora visitante, o que lhe deu permissão de ter acesso aos dados. Ela se interessa pela análise da interação social em salas de aula, no que muito coincidentemente eu estava também trabalhando. Uma de minhas alunas de pós-graduação, Shannon Crowley, tinha iniciado uma análise de alguns dos nossos dados de sala de aula. Nós estávamos utilizando a abordagem da análise da conversa para observar exemplos de situações em que alunos autistas estavam em pequenos grupos de interação com profissionais de apoio ou especialistas em suporte à leitura e um grupo de outros alunos. Então, a nossa pergunta era: como essas interações ocorrem? E nós nos dedicamos a um fenômeno particular, que a Análise da Conversa chama de justificativas. E eu acho que está relacionado à pesquisa sobre polidez, então pode ser familiar ao Ricardo. Mas é basicamente quando você tem uma interação, e há algum componente da interação que viola o acordo de preferência, ou é considerado inesperado de alguma forma, aí você fornece uma justificativa para isso. Então, se nós estivermos nessa videoconferência agora, e eu tivesse que sair, eu diria “tenho que ir”, mas eu não diria apenas “eu tenho que ir”, que é uma conduta “despreferida” e, em certa medida, inesperada. Então, eu forneceria uma justificativa para isso, por exemplo, “Eu tenho que ir, porque a minha cozinha está em chamas”. Eu teria que fazer isso para expressar um alinhamento com meus interlocutores e mostrar meio que minha razoabilidade nessa interação. Então, nós estamos meio que observando como primeiramente profissionais de apoio

justificavam os comportamentos das crianças autistas, porque o autismo normalmente quer dizer que você produz uma conduta de comportamento que é inesperada. Uma coisa interessante é que costumamos justificar o nosso próprio comportamento, é muito inesperado que alguém justifique o comportamento de outra pessoa. Porém, descobrimos que, em boa parte dos dados, o adulto justificava o comportamento das crianças autistas em favor das outras crianças do grupo. Então, em praticamente toda literatura especializada em populações não autistas, eles falam sobre justificativas e mostram que isso raramente ocorre. Mas nós descobrimos que essa justificativa promovida pelo outro acontecia frequentemente [nos nossos dados]. Então, estávamos trabalhando com isso quando Juliene se juntou a nós, e ela tem essas gravações fantásticas de interações em sala de aula. Ela também achou justificativas nos seus próprios dados, mas era do outro tipo. Eram as crianças autistas que ofereciam justificativas para uma variedade de aspectos diferentes, para as suas próprias condutas e para as condutas dos outros. Então, o artigo em que estamos trabalhando agora observa como a oferta de justificativas mostra a sua orientação para a conduta normativa e a sua agência na interação, e de que modos eles justificam a sua própria conduta. Creio que a maioria deles são crianças com autismo, mas eu acho que pode haver outras deficiências intelectuais também. Então, eu acho que essa é a ideia básica do projeto, e agora vou deixar Juliene tratar das especificidades.

Juliene Madureira Ferreira:

Eu estive tratando desse projeto porque ele tem diferentes perspectivas. Eu comecei porque é uma abordagem pedagógica única que apoia a participação e também dá apoio às crianças a trazerem elementos, conteúdos, experiências que eles acham interessantes para eles mesmos, de casa ou de outros contextos sociais. E eles gostariam de compartilhar e investigar mais a fundo na escola. Então é, na verdade, uma abordagem pedagógica que foi elaborada por uma estudiosa brasileira, uma grande amiga minha, Luciana Muniz; ela inclusive ganhou um prêmio do Ministério da Educação, como a melhor prática pedagógica de 2020. E nós estivemos discutindo essa abordagem pedagógica e como utilizá-la para a educação especial. Foi quando eu me inseri, e nós coletamos esses dados, no primeiro semestre de 2021. Assim, comecei a observar como podemos realmente mostrar essa agência que vemos nesses dados. Então, eu encontrei o trabalho excepcional de Kristen. Aí eu disse “Ok, preciso aprender sobre isso. Eu preciso trabalhar com ela nisso, especialmente porque se tratava

de crianças autistas, então se encaixava muito bem." Minha abordagem inicial com a microanálise não teria me permitido explorar tão detalhadamente quanto a análise da conversa realmente me permite. Então, eu disse "Ok, tenho que contatá-la e fazer isso acontecer". Tem sido uma ótima experiência, então Kristen me ensinou basicamente como fazer isso e como incorporar essa análise ao projeto. O projeto tem outras análises e outras discussões também, mas isso tem sido o que estivemos focando agora. Os dados são longitudinais, os coletamos por seis meses. Consistem em gravações de vídeo de crianças em círculos matinais de compartilhamento, em que eles trazem as suas experiências por meio de um diário. O processo inicial é que a criança recebe um diário, um caderno normal que eles podem levar para casa, ou qualquer lugar que eles quiserem. Eles podem tomar notas de coisas que eles acharam muito significativas para eles, mas eles também não podem escrever nada. Pode ser que eles coletem alguma figura ou desenhem algo. O importante é que eles venham e compartilhem o que eles aprenderam ou o que eles gostariam de compartilhar, o que for de seus interesses. Assim, os dados consistem nesses círculos matinais, em que as crianças estão realmente compartilhando o que eles trazem com o seu diário, e eles explicam o que está acontecendo. Aí nós gravamos a dinâmica do grupo em geral. A partir deste diário de aprendizagem, o professor elabora as aulas que vão incorporar os interesses das crianças no currículo da sala de aula, para que as crianças possam experimentar e experienciar o que aquela criança trouxe e achou interessante. Aí eles fazem uma pequena eleição de quais tópicos serão abordados nos próximos dias. Então, o professor incorpora isso nas suas aulas, e nós temos algumas gravações em vídeo dessas atividades de aprendizagem também, bem como os diários em si. Assim, o que as crianças realmente fizeram durante esses seis meses e as práticas foram ótimos, geraram esses dados que estão sendo usados particularmente para este projeto, em que estamos observando especificamente as justificativas.

Entrevistadores:

Então, a coleta de dados foi na Finlândia?

Juliane Madureira Ferreira:

Sim. Mas um braço do projeto está no Brasil. Assim, temos coleta de dados no Brasil também, mas eu não estou liderando a análise. Essa análise está sendo liderada pela Luciana Muniz, e eu colaboro

com ela. Então, eu trago algumas ideias, mas não estou liderando as análises. Lidero as análises dos dados finlandeses e as ideias de que vamos observar as justificativas. Vamos observar a estrutura interacional que o professor promove durante esses círculos de aprendizagem. Então, esse será provavelmente o próximo aspecto que observaremos se Kristen tiver tempo para cooperar no próximo semestre. Eu já comecei a selecionar alguns episódios e coisas como essa. E a principal discussão teórica é sobre o agenciamento das crianças no seu processo de aprendizagem e trajetórias.

Entrevistadores:

Quais são algumas das implicações, além das acadêmicas, de usar essa metodologia? O que vocês pensam sobre as implicações desse estudo para os participantes, suas famílias etc?

Kristen Bottema-Beutel:

Creio que há muitas, mas uma das coisas que eu penso é que não há muita representatividade desse tipo de implicação, ao menos nos EUA. Eu acho que eu diria na literatura de língua inglesa, mas acho que uma premissa desse projeto é de que as crianças autistas ou com outras deficiências intelectuais têm, sim, agenciamento. Nós não estamos investigando se elas têm ou não. Elas têm! Essa é uma premissa que estamos meio que revelando como que se manifesta nesses diferentes grupos de interação. Não creio que haja muitos trabalhos conduzidos nessa perspectiva. E creio que, nos Estados Unidos, existe uma pressuposição que esse tipo de participação é um desafio e é quase impossível para crianças com essas deficiências. Eu acho que a importância de coisas como as justificativas é que você oferece uma justificativa porque você construiu que algo é passível de se justificar. Mesmo em momentos quando o professor diz “por que você fez isso?”, os alunos autistas estão no processo de produção de sentidos daquela pergunta, e o que é passível de justificativa ou o que precisa ser justificado é único para eles. Não há “essas não são perguntas cujas respostas já conhecemos”. Essa abordagem do diário de ideias é diferente de muitos outros procedimentos de salas de aula, especialmente de crianças com dificuldades de comunicação, em que não há confiança interacional. Professores sempre vão fazer perguntas cujas respostas eles já sabem, porque é muito importante que eles verifiquem as respostas neste caso. Não há nada daquele jeito: eles estão perguntando aos alunos sobre coisas que são da sua própria significância única para eles. Então, são

as *affordances* e possibilidades para agenciamento que são abordadas, de maneiras que são completamente ausentes da maior parte da literatura sobre crianças autistas. O professor não pode dizer “Não, isso está errado”, porque é sobre a própria significância e processo de produção de sentidos dos alunos. Eu acho que essas são as implicações pedagógicas de mostrar como isso avança. Eu acho que muitos de nós professores pensaríamos que esse tipo de coisa não é possível. Simplesmente, não funcionaria. Não poderíamos ter interações assim com crianças com dificuldades de comunicação, porque é muito imprevisível o que elas diriam, e nunca estabeleceremos um sentido comum. Mas, pelo contrário, mostramos como, mesmo em grupos de crianças que compartilham as mesmas dificuldades, elas constroem essas interações em sala de aula muito interessantes, significativas e cheias de sentidos, só pelos professores serem abertos a terem esse tipo de discussão. Então, creio que ter exemplos como esses, mostrando que aquilo existe naquelas interações, é muito importante.

Juliane Madureira Ferreira:

Sim. Essa prática não foi originada ou elaborada para a educação especial, certo? Essa é uma prática que beneficia qualquer sala de aula, em qualquer escola, em qualquer lugar. Mas nós estamos realmente testando para ver como isso funcionaria na sala de aula de educação especial, e isso foi muito relevante. E o professor reconhece a relevância e as famílias também. Portanto, as implicações e os benefícios foram muito concretos.

Kristen Bottema-Beutel:

Eu acho que uma última coisa a se dizer sobre isso, quando eu e Juliane estamos fazendo essa análise, não é que nós estamos observando essas interações e dizendo “Tá vendo, esse grupo de crianças com deficiências pode parecer exatamente como crianças neurotípicas”, porque eles definitivamente não parecem. Não é como se eles se conformassem a uma espécie de norma neurotípica interacional. Eles definitivamente não o fizeram. Entretanto, isso não é um impedimento para ter essas trocas significativas. Eles de fato se parecem diferentes de uma sala de aula de crianças não autistas. No entanto, isso não diminui a significatividade das interações que eles têm, e você pode ver ambas as coisas acontecendo.

Entrevistadores:

Quais são os seus propósitos de pesquisa para o futuro? Individualmente ou talvez em colaboração?

Juliane Madureira Ferreira:

Eu realmente gostaria de trazer Kristen à Finlândia e colaborar um pouco mais de perto em um futuro próximo. Estamos conversando sobre isso. Sobre quais oportunidades haveria para que ela pudesse passar algum tempo aqui. E eu acho que seria muito bom continuar o trabalho, talvez com uma perspectiva diferente, coletando dados combinados ou algo assim. Mas nós ainda não definimos nada, porque ainda estamos no processo de fazer esse projeto. Então, esse é definitivamente meu desejo em continuar explorando esse conjunto de dados em outros aspectos ou com outras perspectivas. Isso provavelmente é algo que eu já compartilhei com Kristen que eu gostaria de continuar fazendo. Nós também estivemos discutindo sobre um possível número especial para um periódico. Há vários aspectos sob discussão basicamente, mas a Finlândia e os EUA são bem distantes, e temos as nossas vidas acadêmicas, e há várias coisas acontecendo também. Não estou certa de quando conseguiremos fazer isso, mas isso tem sido sobre o que estivemos conversando.

Kristen Bottema-Beutel:

Os dados de Juliane são incríveis. São muitas horas de dados coletados de maneira muito especializada. Ela tem artefatos que vemos nessas sessões, em que os alunos estão olhando para o desenho, e ela documentou tudo. “Oh, eu tenho o desenho”. E vai ter uma fotografia perfeita do desenho, então ela documentou tudo. A análise tem sido muito boa, porque ela tem esse conjunto de dados tão ricos. Poderíamos analisar isso literalmente para sempre. Eu acho que poderíamos chegar a conclusões diversas. Eu estava pensando quando eu e Juliane começamos, estávamos conversando sobre nós termos uma perspectiva interlinguística e intergeográfica, por causa das nossas diferentes localizações. Eu acho que há pontos positivos dessa perspectiva internacional. Acho que eu estou meio que tentando justificar o fato de que eu estou nesse time de pesquisadores em que eu sou a única falante monolíngue. E eu estou meio que tentando justificar a minha contribuição, mesmo que eu não fale a língua que está sendo analisada. Então, em todos os nossos

dados, as crianças estão falando finlandês, e Juliene traduz para o inglês. E vocês sabem que, para produzir uma transcrição, já é bastante demorado, e aí ainda é preciso traduzir tudo fazendo as adaptações para o inglês. É extremamente demorado, mas tem possibilitado essas conversas interessantes sobre as diferenças de estrutura da língua finlandesa e como é diferente do inglês, e como isso quer dizer que estamos fazendo coisas diferentes com a língua. Eu não sei se isso está sendo entediante para Juliene, mas eu sinto que isso é um foco interessante, na maneira que as línguas diferentes não são completamente alinhadas a traduções diretas. E aí temos que fazer essas discussões em um nível mais profundo sobre o que é que eles estão fazendo, em função das diferentes estruturas do finlandês *versus* o inglês etc. Eu tenho gostado dessa parte de como as diferentes estruturas de educação especial através dos diferentes contextos geográficos, como isso possibilita diferentes tipos de interações e pressuposições sobre o que as crianças podem fazer. Eu acho que esse tipo de aspectos internacionais e interlinguísticos dessa nossa colaboração tem sido muito esclarecedora para mim. Eu sinto que é altamente motivador continuar a pensar sobre isso. E nós conversamos sobre isso. Eu não acho que os meus dados foram tão rigorosamente coletados quanto os de Juliane, mas eu estaria interessada em ver se poderíamos fazer algo diferente ou mesmo similar nos EUA, coletando um conjunto de dados combinados para ver como esses diferentes contextos geográficos contribuem para os diferentes tipos de interação que as crianças têm.